

Parte 2 - Processos educacionais e comunicacionais para formação do profissional de Comunicação

Educomunicação e a interface com o ensino na graduação

Diva Souza Silva

Christiane Pitanga Serafim da Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, DS., and SILVA, CPS. Educomunicação e a interface com o ensino na graduação. In: NAGAMINI, E., org. *Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 235-247. Comunicação e educação series, vol. 1. ISBN 978-85-7455-439-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Educomunicação e a interface com o ensino na graduação¹

Diva Souza Silva²

Christiane Pitanga Serafim da Silva³

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG

Educação e Comunicação no Ensino Superior

O ensino superior tem tido desafios robustos em seu tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão, principalmente no diálogo necessário entre esses vértices. O lócus do desenvolvimento do estudo ora apresentado é o Ensino e as possibilidades de interlocução na universidade. A formação acadêmica é imbricada de sentidos e concepções do que se ensina, como se ensina e o que isso contribui para a formação dos sujeitos.

Todos os professores foram alunos de outros professores e viveram mediações de valores e práticas pedagógicas. Absorveram visões de mundo, concepções epistemológicas, posições políticas e experiências didáticas. Através delas foram se formando e organizando, de forma consciente ou não, seus esquemas cognitivos e afetivos, que acabam dando suporte para sua futura docência (CUNHA, 2006, p. 259).

1 Trabalho originalmente apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Texto atualizado para esta publicação.

2 Doutora em Educação e mestre em Comunicação Social, graduada em Pedagogia. Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) na Graduação e no Programa de Pós Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE).
E-mail: diva@faced.ufu.br.

3 Doutouranda em Educação e mestre em Comunicação Social, graduada em Design Gráfico. Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
E-mail: chrispitanga@yahoo.com.br.

O exercício da docência na universidade é imbricado por essas visões de mundo e, conseqüentemente, envolvido no avanço sistemático das Tecnologias da Informação e Comunicação.

As tecnologias midiáticas perpassam os diferentes processos de educação, sendo elementos constituintes da prática cotidiana que precisam ser compreendidos e apropriados pelos docentes. A ação educativa é uma prática social, concebida coletivamente numa interlocução respeitosa entre as realidades culturais e sociais nas quais estão inseridos educadores e educandos. Nesse sentido, o saber do educando não pode ser negado, pois a construção do conhecimento é conjunta. Tal perspectiva, cuja base teórica principal encontra-se nos trabalhos de Paulo Freire (1985), reforça que os homens se educam entre si e, na medida em que constroem o conhecimento e a prática pedagógica, transformam a realidade e libertam o ser humano. Isto é,

saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquietador, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p. 47).

A construção de conhecimento numa perspectiva crítica não se esvazia quando se trata de inserir Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nos processos de ensinar e aprender. Tais TICs têm contribuído com a democratização do acesso ao ferramental de produção e compartilhamento de conteúdos (textos, sons e imagens) os mais diversos e para ampliar os recursos metodológicos educativos. A criação de plataformas digitais com interfaces amigáveis facilitou o manuseio de *softwares* e a produção de conteúdos midiáticos, que não se limita a um profissional formado na área específica, mas a qualquer indivíduo.

Castells (1999) enfatiza que a constituição das sociedades em rede vem permitindo um fluxo de informações sem precedentes. O acesso e o compartilhamento de informações abrem perspectivas nas mais variadas áreas, pois as novas gerações tendem a lidar com o conhecimento, dentro ou fora das instituições educacionais, através de novos suportes tecnológicos e midiáticos. A internet, por exemplo, transformou-se numa rede na qual os indivíduos passaram a se conectar não só para terem acesso a informações, mas para realizarem transações comerciais, pesquisas, entretenimento, compartilhar conteúdos, interagirem, manifestarem e expressarem opiniões.

O fazer pedagógico deve estimular a investigação, a reflexão e a produção do próprio conhecimento pelos alunos de forma mais participativa e dinâmica. Freire (1985) destaca, em sua clássica obra *Extensão ou Comunicação?*, a importância da participação coletiva, da troca, do diálogo e da comunicação para a arte do ensino. Em sala de aula é cada vez mais crescente o uso das mídias, seja como recurso didático, seja como ferramentas que colaboram para a construção de um conhecimento mais amplo e multidisciplinar.

Na visão de Barbosa (2010), as tecnologias digitais são recursos mediadores a serem agregados ao processo educativo e ao projeto pedagógico das escolas. E o professor passa a atuar como uma interface do processo de interação, estimulando os alunos a utilizarem tecnologias digitais no contexto da aprendizagem. A utilização de mídias e das tecnologias digitais pelas escolas tornou-se quase um imperativo para despertar interesse nos alunos e inseri-los no processo de construção do conhecimento.

O uso fluente e especializado dos recursos de comunicação tem modificado alguns conceitos de aprendizagem, dando destaque a uma dinâmica em que o estudante demonstra maior autonomia para a experimentação, o improviso e a autoexpressão. Nesse sentido, a tecnologia se torna, igualmente, uma aliada do educador interessado em sintonizar-se com o novo contexto cultural vivido pela juventude (SOARES, 2011, p. 29).

Numa sociedade cada vez mais midiaticizada e que faz uso frequente das tecnologias digitais, percebe-se que as crianças e os jovens, principalmente, assimilam os avanços tecnológicos paralelamente ao seu desenvolvimento educacional, acessando e compartilhando conteúdos a que são expostos de maneira rápida e intensa. Tal comportamento desafia profissionais de educação, comunicação e tecnologias, exigindo conformações por parte das instituições de ensino e de seus educadores para melhor compreender a realidade social de seus alunos. Portanto, para os mais jovens, meios e tecnologias são

lugares de um desenvolvimento pessoal que, por mais ambíguo e até contraditório que seja, eles converteram no seu modo de estar juntos e de expressar-se. Então, devolver aos jovens espaços nos quais possam se manifestar estimulando práticas de cidadania é o único modo pelo qual uma instituição educativa, cada vez mais pobre em recursos simbólicos e econômicos, pode reconstruir sua capacidade de socialização. Cortar o arame farpado dos territórios e disciplinas, dos tempos e discursos, é a condição para compartilhar, e fecundar mutuamente, todos os saberes, da informação, do conhecimento e da experiência das pessoas; e também as culturas com todas as suas linguagens, orais, visuais, sonoras e escritas, analógicas e digitais (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 120, grifo nosso).

A pesquisa em desenvolvimento tem discutido a educomunicação e sua interface com o ensino superior a partir das práticas educativas em um curso de graduação, diante da revolução tecnológica e a relação do professor com o mundo da informação e os saberes do aluno. É importante registrar que os sujeitos pesquisadores integram um grupo de pesquisa que discute a temática, e o espaço dialoga graduação e pós-graduação.

Partindo do pressuposto de que os alunos ingressam na universidade trazendo um repertório tecnológico e certo domínio das ferramentas midiáticas, surgem algumas inquietações: para os alunos que já têm habilidade com as ferramentas midiáticas, como aproveitar os seus saberes e estimular a produção de conhecimento? Numa visão freireana, como aproveitar o repertório tecnológico dos alunos para produzir conhecimento e potencializar a aprendizagem? E ainda, como alinhar o conhecimento e experiência do professor com os saberes do aluno no processo de aprendizagem em experiências educacionais comunicativas?

Educomunicação e suas interfaces

Uma conjugação entre educação e comunicação é a educomunicação, uma prática pedagógica que pretende estimular os processos de ensinar e de aprender, considerando os saberes dos alunos numa construção coletiva do conhecimento. Soares (2002, p. 24) apresenta uma definição de Educomunicação como “o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos e espaços educativos presenciais ou virtuais”. Articula-se a esse processo diferentes sujeitos e cenários permeados por expressões de criatividade. Para Soares (2011, p. 8),

os trabalhos em educomunicação têm hoje um papel fundamental em canalizar essas habilidades já evidentes para a produção de mídia de qualidade, marcada pela criatividade, motivação, contextualização de conteúdos, afetividade, cooperação, participação, livre expressão, interatividade e experimentação.

A Educomunicação trilha o caminho apontado pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (BRASIL, 1996)⁴ para uma educação revolucionária,

⁴ Ver em BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

que compreenda e respeite a trajetória do aluno, que caminhe no mesmo ritmo do mundo e acompanhe as transformações ocorridas no ambiente onde o aluno se insere. Uma educação pautada pela pedagogia de projetos, pela interdisciplinaridade, buscando despertar e valorizar as habilidades e competências. Essa concepção de educação exige ousadia e criatividade de professores e alunos, numa constante preparação pessoal que visa à solução de problemas que surgem a partir da própria prática social. As perspectivas teórico-metodológicas desse novo campo do saber apontam para ações de intervenção social. Assim, as ações oriundas dos projetos são reunidas em seis áreas de intervenção: educação para a comunicação; expressão comunicativa através das artes; mediação tecnológica nos espaços educativos; pedagogia da comunicação; gestão da comunicação nos espaços educativos; e reflexão epistemológica sobre a própria prática.

A práxis social é a essência das práticas educomunicativas, isto é, para a educomunicação não importa o ferramental tecnológico ou a mídia utilizada, mas se o processo de mediação promove o diálogo social e educativo. De acordo com Martín-Barbero (apud SOARES, 2011, p. 43), “o desafio que o ecossistema comunicativo coloca para a educação não se resume apenas à apropriação de um conjunto de dispositivos tecnológicos (tecnologias da educação), mas aponta para a emergência de uma nova ambiência cultural”. Na verdade, interessa à educomunicação o uso que as audiências/receptores dos meios de comunicação fazem dos conteúdos compartilhados, como reagem e articulam as informações e ressignificam o seu cotidiano e as suas relações sociais.

É desse encontro de sujeitos à busca da significação do significado, momento particular de ativação dos princípios da reciprocidade, ou da retroalimentação, que os atos comunicativos ganham efetividade, conquanto sustentados por mediadores técnicos ou dispositivos amplificadores do que está sendo enunciado (CITELLI; COSTA, 2011, p. 64).

A educomunicação é um processo de aprendizagem que parte dos saberes e fazeres que o aluno traz consigo, coloca-o em contato com outros saberes e, por meio da prática social (ações de intervenção social), busca ressignificar esses saberes e fazeres. O caráter transformador da educomunicação consiste em possibilitar o acesso dos jovens ao mundo da comunicação e de suas tecnologias, dentro de uma perspectiva a serviço do bem comum e da prática da cidadania (SOARES, 2011). Os projetos educomunicativos estimulam a criatividade dos jovens, ampliam o vocabulário, instigam a participação e a visão crítica do mundo.

Ao vislumbrar a educomunicação como uma possibilidade teórico-metodológica na formação dos sujeitos, surgem outras questões: de que forma as práticas sociais podem redefinir o repertório tecnológico? Essas práticas sociais provocam alguma intervenção no curso, nas práticas educativas? Dessa forma, aponta-se uma hipótese: se a educomunicação, como prática educativa e social, parte do pressuposto que os alunos possuem repertórios e habilidades (saberes e fazeres), então os saberes em movimento que amalgamam a formação dos sujeitos pode ocorrer pelas ressignificações dos saberes por meio das relações sociais estabelecidas no processo de ensino e de aprendizagem.

Os percursos da pesquisa

A pesquisa se insere no Grupo de Pesquisa “Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação” ligado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da UFU. O esforço tem sido em propiciar o diálogo entre a pós-graduação e a graduação na construção de processos de pesquisa que envolva a educomunicação cada vez mais.

No curso de graduação, é ofertada a disciplina Comunicação e Educação, que, juntamente com a disciplina Mídias e Comunicação, realiza um trabalho interdisciplinar em que os alunos elaboram e vivenciam práticas educacionais no desenvolvimento de um trabalho educacional em ambientes escolares ou comunidades, grupos sociais ou culturais. A relação com as duas disciplinas tem possibilitado o desenvolvimento de postura crítica de conhecimento, pois relaciona teoria e prática a partir do envolvimento com uma realidade e a construção coletiva e cooperativa de compreensão dessa realidade a partir de uma intervenção educacional.

É uma vivência de uma proposta teórico-metodológica na qual os graduandos têm a possibilidade de se envolverem como atores também desse processo. As ementas das disciplinas estão assim constituídas através das respectivas Fichas de Disciplinas (PPC, 2009):

Comunicação e Educação

A demanda do mundo contemporâneo por educação e comunicação. A constituição do campo de estudos da Educomunicação. A interface educação/comunicação e seus reflexos nas práticas educativas e na formação de professores.

Mídias e Comunicação

Conceitos de Comunicação e suas áreas de confluência. Introdução conceitual sobre Jornalismo, Publicidade, Rádio e TV, Relações Públicas e sobre as mídias impressas, eletrônicas e digitais. Jornalismo e Responsabilidade Social. Os meios de comunicação e o jornalismo no Brasil. Introdução à linguagem Jornalística.

O objetivo principal desse trabalho interdisciplinar é despertar no aluno a consciência da intervenção social da prática profissional por meio da educomunicação, considerando suas habilidades e competências. Esse trabalho contempla um dos âmbitos da educomunicação na prática educativa ao propor que “os educandos se apoderem das linguagens midiáticas, ao fazer uso coletivo e solidário dos recursos da comunicação tanto para aprofundar seus conhecimentos quanto para desenhar estratégias de transformação das condições de vida à sua volta” (SOARES, 2011, p. 19).

Essa relação envolve os saberes e fazeres pedagógicos e, por isso, a compreensão das concepções de educação que orientam essas práticas. Compreender as concepções de educação que orientam as abordagens do ensinar, do aprender, de aluno, professor, conhecimento, sociedade, são fatores que desvelam a aposta educativa que se assume, de acordo com Mizukami (1986) e Libâneo (1994). As abordagens do processo de conhecimento refletem valores e concepções que dão significado ao fazer e ao sentido atribuído a essa formação em que educadores e educandos se envolvem.

Diante do objeto de investigação, a abordagem de pesquisa que melhor dialoga com os propósitos apresentados é a qualitativa. Bogdan e Biklen (1994, p. 49) afirmam que “a investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo”. Denzin e Lincoln (2006) afirmam que a pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo.

Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Metodologicamente a pesquisa tem se firmado nessas bases qualitativas e procedimentos de análise de conteúdo do Projeto Pedagógico do Curso, dos Planos das Disciplinas, da Proposta Educomunicativa e o desenvolvimento

dessas etapas durante o semestre letivo. Segundo os procedimentos adotados, a pesquisa é documental, pois deverá consultar documentos que ainda não receberam um tratamento analítico, mas que são relevantes para cumprir os objetivos propostos (GIL, 2008). Para Bardin (2002, p. 38) “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utilizam procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Assim, estão sendo consultados os seguintes documentos: as Diretrizes Curriculares do curso (BRASIL, 2014), o Projeto Pedagógico do Curso, os planos de ensino e cronogramas das disciplinas envolvidas nas práticas educacionais, o roteiro dos projetos e os produtos educacionais resultantes do processo. Os mesmos têm sido analisados no sentido de compreender o processo da Educação na formação acadêmica. Com a coleta de dados, categorias têm emergido para que auxiliem melhor no processo investigativo, em consonância com os objetivos propostos.

A partir dessas análises, procedem-se as entrevistas narrativas onde os envolvidos se constituem a partir das narrativas. Para Bolívar (2001, p. 220), “a narrativa é uma estrutura central no modo como os seres humanos constroem o sentido. O curso da vida e a identidade pessoal são vividos como uma narração.” Esse procedimento compreende mais diretamente os envolvidos no processo educacional na tentativa de compreender como ocorre o processo, em que medida há a resignificação dos saberes e fazeres dos alunos, ou seja, em que os projetos educacionais, como processo de aprendizagem, acrescentam/modificam os seus saberes. Da mesma forma serão entrevistados alguns membros das comunidades onde são realizados os projetos, para saber se ocorreu e em que medida ocorreu a intervenção social.

Um procedimento paralelo é a entrevista em profundidade no sentido de uma conversação orientada, em que os objetivos e os procedimentos metodológicos devem ser bem definidos para validar as informações coletadas. Trata-se de uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE; BARROS, 2012, p. 62). Esta técnica foi escolhida justamente pela flexibilidade e por explorar, ao máximo, determinado tema, permitindo ao entrevistado liberdade para abordar os temas investigados. Dessa forma, pretende-se entrevistar o(a) coordenador(a) do curso e os(as) professores(as) das disciplinas que utilizam a prática educacional para compreender como se estabelece a interface entre educação e comunicação, como são planejados e elaborados os projetos

educomunicativos e quais são os resultados esperados dessa prática. Todos os procedimentos contemplam as questões éticas de pesquisa.

As entrevistas narrativas e em profundidade procuram investigar e compreender a educomunicação como processo e metodologia na formação do saber dos acadêmicos. Saberes mobilizados e articulados com outros conhecimentos, bem como perceber se as práticas sociais dos projetos contribuem para o repertório crítico, de conteúdo e tecnológico dos estudantes. Para Bruner (1997, p. 34), “a narrativa é um modo de pensamento, pois ela se apresenta como princípio organizador da experiência humana no mundo social, do seu conhecimento sobre ele e das trocas que ele mantém”.

Os procedimentos em movimento tendem a levar à compreensão do cenário educamunicativo de forma mais ampla, requerendo dos pesquisadores uma imersão no campo e na análise de como acontece a intervenção social das práticas educamunicativas e sua possível contribuição na formação dos sujeitos atores do processo.

A pesquisa tem sido desenvolvida há dois anos e os processos metodológicos empreendidos no sentido de compreender as narrativas dos atores dos projetos educamunicativos envolvidos. As práticas têm sido caracterizadas e analisadas para que possam ser melhor compreendidas e forneçam subsídios para a área na interlocução da Comunicação e Educação.

Até o momento, duas turmas, com média de 38 acadêmicos, foram acompanhadas. Através de procedimentos éticos, as pessoas são convidadas a participar da pesquisa⁵ e autorizam o acompanhamento dos projetos e as diferentes formas de interlocução midiática para esse desenvolvimento. Silva (2015), em pesquisa desenvolvida a partir de acompanhamento de uma das turmas que vivenciou essa experiência na graduação, evidenciou o caráter coletivo e colaborativo construído.

Um grupo de acadêmicos organizou um projeto orientado com bases teóricas sobre processos educamunicativos. Iniciaram a construção coletiva e colaborativa do processo de forma dialética com uma comunidade externa à universidade, buscando caracterizar os sujeitos envolvidos e a identidade dessa comunidade para eles mesmos e para a sociedade.

Esse processo se deu quando duas disciplinas de graduação realizaram um trabalho interdisciplinar em que os grupos de alunos deveriam, em uma imersão nos estudos de Educomunicação e Mídias, desenvolver um projeto

5 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

em alguma comunidade fora da universidade. A partir dessas orientações, de forma coletiva e colaborativa, uma temática macro foi escolhida para orientar essa relação com a comunidade: Brasilidade. Os grupos se organizaram, e um deles escolheu trabalhar com a comunidade nordestina que vive na cidade de Uberlândia, MG. Junto a essa comunidade foi vivenciado um processo educacional com narrativas e construção de um produto midiático⁶ que revelou de certa forma esse ambiente de aprendizagem mútua e significativa.

Em um dos trechos de entrevista com acadêmicos desse grupo, Silva (2015) destaca um relato:

Pra mim, eu acho que o projeto, o trabalho, foi muito gratificante e trouxe muito mais coisas pra gente do que pra eles, porque foi um enriquecimento cultural e... não só de aprender e absorver a outra cultura, de conhecer o outro, mas, principalmente, de construir tudo isso junto com eles; foi muito importante e muito enriquecedor, mesmo, e, agora, principalmente, com esta questão eleitoral... eu só lembro do trabalho que a gente fez. Nossa! A gente trabalhou com eles, vem tudo à tona... aí eu vejo como foi importante pra gente ter embasamento pra discutir, principalmente essas questões agora; então acho que foi mais importante pra gente do que pra eles.

O próprio desenvolvimento do trabalho permitiu, através das narrativas empreendidas, que a comunidade envolvida se percebesse como atores do processo e com autonomia da construção do próprio espaço de debates. O momento do país também foi favorável a muitas reflexões, pois se vivia um contexto de eleições políticas para escolha de presidente da República, senadores e deputados.

E, também, no último dia que a gente foi pra filmar e tirar foto, tinha alguns nordestinos que a gente ainda não tinha conhecido; que a gente conheceu lá na hora; e eles tinham comentado que eles nunca tinham se reunido antes pra discutir daquela forma como a gente tinha discutido aquele dia; e aí ficou aquela expectativa que depois que a gente saísse eles continuassem discutindo, mesmo que talvez, sei lá, não construíssem outro lugar ou que não fizessem algum projeto, mas que eles continuassem debatendo sobre. A gente falou sobre política, falou sobre a própria questão deles, cultural, [...] sobre os costumes.

A possibilidade educacional de se constituir a partir de narrativas foi e é um espaço fértil para relações múltiplas entre povos, culturas e maneiras de ser e viver em um país tão diverso.

⁶ WebDocumentário: Uai, aqui é Nordeste <<https://youtu.be/oakTYDZv6oY>> e página em rede social <<https://www.facebook.com/uaiaquienordeste>>.

Com os dados coletados até o momento e as primeiras sistematizações, considera-se que o mapeamento das experiências educacionais está em fase de elaboração. A intenção é evidenciar categorias para análise que emergirem dos dados e contextos envolvidos em todos os projetos vivenciados até agora.

Considerações

A educação possui, em sua essência, pressupostos que visam a superar possíveis limites conceituais entre as áreas da educação e da comunicação, configurando-se como a interface entre estes campos. A educação contribui para uma educação significativa que compreenda e respeite a trajetória dos sujeitos envolvidos e promova ressignificações dos seus saberes, pois as práticas educacionais pretendem estimular a aprendizagem, aproveitando os saberes dos sujeitos numa construção coletiva do conhecimento.

A educação enquanto ação comunicativa é um fenômeno que permeia todas as maneiras de formação de um ser humano e, assim, sob a mesma ótica, toda ação de comunicação tem, potencialmente, uma ação educativa. Nesse sentido, a construção de uma comunicação dialógica e participativa no ambiente educacional, pautada em uma eficaz gestão compartilhada por órgãos governamentais, administração escolar, docentes, alunos e a comunidade abre oportunas perspectivas de melhoria motivacional e de fortalecimento dos laços entre alunos e professores ao longo do processo de aprendizagem.

A investigação em desenvolvimento, a partir da análise inicial de documentos e imersões em campo, tem revelado que os estudos e o empoderamento do campo de educação têm contribuído para o desenvolvimento de práticas educativas críticas em diferentes espaços e ampliado o diálogo entre educação, comunicação e Tecnologias da Informação e Comunicação, tanto na graduação como em outras modalidades de educação.

Utilizando o conceito de empoderamento, Paulo Freire destaca o papel fulcral da Educação, para promover práticas sociais contribuintes da construção do capital cultural de grupos, cuja cultura socialmente legitimada ainda não tenha sido incorporada. Para Freire é por meio da práxis que se efetiva a cidadania (PESCE, 2013, s/p).

Os estudantes do curso têm vivenciado, há pelo menos dois anos, a proposta educacional e as vivências têm possibilitado um desenvolvimento crítico e formativo para todos os atores do processo. A pesquisa continua e pretende contribuir no cenário de processos educacionais como proposta teórico-metodológica no ensino superior.

Referências

- BARBOSA, R. M. **Ambientes virtuais de aprendizagem**. São Paulo: Penso, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradução de Maria J. A.; Sara B. S. e Telmo M. B. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOLÍVAR, A. **Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. (1996). **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acessado em: 15 ago. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. (2013). Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado**. RESOLUÇÃO nº 1, de 27 de setembro de 2013.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura – volume 1**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (org.). **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. 18ª ed. Campinas: Papyrus, 2006.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4^a ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MIZUKAMI, M. da G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos da educação e ensino)

PESCE, L. O programa Um computador por aluno no estado de São Paulo: confrontos e avanços. Mesa redonda sobre políticas educacionais no Brasil e América Latina, do GT 16 – Educação e Comunicação. **36^a Reunião Nacional da ANPED** – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

PPC. **Projeto Pedagógico do Curso** (2009). Minas Gerais.

SILVA, D. F. **Relações dialógicas no processo de educomunicação**: análise em uma rede social na internet. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. Universidade Federal de Uberlândia, MG. Uberlândia, 2015.

SOARES, I. O. **Educomunicação**: O conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, I. O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da Educomunicação. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo: ECA/USP [23]. issn: 2316-9125, 2002.